



## **PROFESSOR DE FILOSOFIA: DA TEORIA À PRAXIS**

Eixo-temático: Profissão docente e formação de professores

Natália Domingos de Oliveira

### **Resumo:**

O presente artigo pretende estabelecer um paralelo entre a realidade encontrada pelos formandos de licenciatura em Filosofia no processo de sua formação, incluindo os seus primeiros contatos em sala de aula, através das disciplinas de Estágio Supervisionado em Filosofia 1, 2, 3 e 4, que proporciona uma observação e incentiva ao aluno-estagiário buscar analisar a atuação do profissional de Filosofia do ensino médio. Em outros termos, objetivamos refletir sobre o agir e o pensar a educação de forma interventiva e qualitativa, aproximando o conteúdo filosófico da vivência do alunado. Como lidar com a falta de estrutura básica, falta de formação específica e falta de incentivo a licenciatura dentro de um curso de licenciatura, problemas que com frequência encontramos durante a nossa formação e contato com a educação. Os problemas são inúmeros, mas pretendemos propor um viés de análise crítica de todos esses âmbitos, utilizando-se de textos trabalhados e discutidos durante as disciplinas de Estágio Supervisionado em Filosofia e textos que julgamos importantes para a discussão proposta, além de relacionar a realidade encontrada como fruto de uma sociedade capitalista.

**Palavras-chave:** Ensino de Filosofia. Relato de Experiência. Formação Docente.

### **1 – Introdução**

Desde 2008, com a regulamentação da disciplina de Filosofia para o ensino médio (segundo a Lei nº 11.684 de 02/06/2008), muito se carece, tanto em relação aos profissionais formados na área, quanto dos materiais didáticos necessários para um melhor desempenho da matéria junto aos estudantes.

Porém, nossas atividades de estágio na escola (trabalho de campo) nos mostram que, a realidade do cotidiano escolar, além de se distanciar do ideal que, por vezes, encontramos durante a graduação, também se traduz num ambiente hostil para o pleno desenvolvimento da

demanda filosófica. Foram inúmeros os problemas percebidos durante o exercício do Estágio Supervisionado em Filosofia e é a partir desse foco que nos baseamos nesse artigo, ou seja, a relação entre teoria e *práxis*.

Escolas públicas marginalizadas dentro do Estado de Alagoas tem o direito de acesso ao livro didático negado. Quem sofre com isso, claramente, são os estudantes do ensino médio que terão acesso apenas aos assuntos resumidos e oriundos de uma única fonte, ou seja, o conhecimento do professor.

Mas, indagamos: Quando esse profissional (o professor de Filosofia) não souber como lidar ante essa situação de ensino-aprendizagem do conteúdo filosófico? E se o profissional que estiver à frente da disciplina de filosofia não for graduado em filosofia?

A partir de nossa formação na graduação e de nossa experiência enquanto bolsista do PIBID/Filosofia, constatamos que, diante dessa realidade, são muitos os problemas decorrentes para o desenvolvimento dessa matéria.

Diante dessas questões, escolhemos e apontamos alguns aspectos que julgamos necessários para refletir sobre a formação docente do professor de filosofia, como por exemplo: o contato dos estudantes de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) com a realidade do ensino médio, só ocorre nos dois últimos anos da graduação, de acordo com a especificidade da licenciatura, normas e resoluções. Esse contato, na nossa opinião, é tardio e prejudica a formação do futuro professor.

Outro aspecto que vale apenas ressaltar é que a licenciatura, em vários cursos, é completamente desvalorizada e, por vezes, desestimulada (é o que percebemos através de conversas com outros colegas da UFAL e nas redes sociais quando tratamos sobre o tema).

Mas, porque isso acontece?

São essas questões que nortearão a análise sobre os aspectos que envolvem o ensino de Filosofia no Estado de Alagoas, a partir da vivência que tivemos no Estágio Supervisionado em Filosofia.

## **2 – Especificidades do material didático e do professor de filosofia**

A especificidade é fundamental para o andamento das demais questões, afinal, é ela que nos possibilita o conhecimento necessário para o desenvolvimento específico ao qual nos

propomos, nesse caso, a Filosofia. Deste modo, indagamos: É possível trabalhar filosofia no ensino médio, de forma qualitativa, sem o livro didático?

O livro didático tem o papel de auxiliar e facilitar o entendimento do alunado aos assuntos propostos, contextualizando, por vezes, exemplificando e trazendo para os dias atuais questões primordiais dos pensamentos dos filósofos, o que claramente facilita e muito o trabalho docente, além do fato dos estudantes terem livre acesso a ele.

O livro adequa o conteúdo filosófico a demanda do ensino médio, além de conter trechos de textos filosóficos. Entendemos a importância do livro didático, mas para além dele, percebemos que o professor não deve se prender aos conteúdos do livro didático, pelo contrário, o livro tem o papel de dar suporte a aula, não de ser o centro dela.

Infelizmente, essa discussão sobre a centralidade ou não do livro didático na aula de filosofia não encontra respaldo na realidade de muitas escolas alagoanas, pois ele nem sequer chega a elas. E é lançada a questão de como se trabalhar qualitativamente os conteúdos filosóficos dentro dessa realidade defasada.

Professores, em déficit de formação específica, passam a dar aula de qualquer coisa ou tentam trabalhar filosofia bem superficialmente de modo a deixá-la infrutífera, pois não preza pelo livre debate de ideias. Para aqueles poucos com formação específica, está lançado o desafio de trabalhar filosofia em uma hora/aula sem o livro didático para facilitar o trabalho com os temas, mesmo que o pouco tempo para o trabalho, possivelmente, desgaste a aula. Percebe-se que enveredar pelo caminho filosófico passa a ser um problema.

Com a falta do livro didático, como levar textos filosóficos para a sala de aula? Percebemos como solução para essa situação que o domínio específico em filosofia por parte do professor, ou seja, ele ser graduado em um curso de licenciatura em filosofia, pode colaborar para amenizar o problema, embora tenhamos consciência de que a dificuldade não vai sumir, pelo contrário. Mas, consideramos importantíssimo o domínio do conteúdo filosófico para facilitar no processo de ensino-aprendizagem, na hora de lidar com ele (o conteúdo), nas mais variadas formas, em sala de aula.

É possível trabalhar filosofia sem o livro didático, entretanto, é impossível fazê-lo sem texto/conteúdo filosófico, como afirma Melo: “A importância da utilização e da presença do texto filosófico em sala de aula se justifica pela necessidade de se respeitar a especificidade do conhecimento filosófico” (MELO, 2014, p. 1157).

O papel do professor, dentro dessa realidade, ganha uma importância ainda maior, haja vista que depende dele o acesso ao que é Filosofia, a História da Filosofia e aos textos filosóficos. Nesse contexto, o professor pode transpor a realidade dos alunos e incentivar a reflexão e o debate, pois dentro do que a filosofia nos proporciona, uma aula sem debater não é significativa, como nos diz Carminatti:

O desafio é evitar que a Filosofia acabe sendo somente uma teoria ou um discurso sobre qualquer coisa, mediante o qual não se toma contato com a vida nem com os problemas concretos das pessoas. É preciso transformá-la numa experiência significativa, através de metodologias e conteúdos que conduzam à reflexão e, ao final de seu exercício, com o objetivo de ajudar a esclarecer um pouco mais sobre os distintos e contraditórios aspectos do conhecimento e da sociedade (CARMINATTI, 2012, p. 37).

Importante salientar que discutir e debater acerca do conteúdo filosófico não é deixar em segundo plano o que determinado filósofo quis dizer. Entretanto, é necessário perceber e admitir que o entendimento individual dos estudantes é importantíssimo. Mas, é função do professor deixar claro que existe uma ideia que o filósofo quer passar; isso deve ser explicado e trabalhado; nesse momento, o professor precisa saber como agir e precisa de uma formação que o capacite para isso. Filosofar pode ser subjetivo, Filosofia não.

### **3 – Filosofia e licenciatura**

É notório em muitas faculdades de licenciatura o caráter bacharelesco, ou seja, mesmo o curso sendo de licenciatura, o prestígio e o incentivo a mesma não existe e, por vezes é até desestimulada. E é essa a realidade do Curso de Filosofia da UFAL (afirmamos isso baseados na experiência enquanto alunos desse Curso).

Antes de adentrarmos na experiência do primeiro Estágio Supervisionado em Filosofia, no quinto período (e que nos acompanha até o oitavo período com o quarto Estágio Supervisionado em Filosofia), nenhum outro contato com a docência existiu efetivamente na prática, apenas em teoria. Em se tratando de um curso de licenciatura, esse contato deveria aparecer muito antes e isso, de uma forma ou de outra, acaba defasando o interesse e a própria formação do futuro profissional da educação em formação.

Tal retardo no contato com a escola e a sala de aula, especificamente, tem suas consequências, pois dos poucos que conseguem chegar ao quinto (5º) período, tendo em vista o alto número de evasão do curso, a princípio, não gostam ou ainda não conseguem ver naquele meio seu ambiente de trabalho. Isso é problemático porque no momento em que percebemos como é a dinâmica do dia a dia de um professor de filosofia, acontece um “choque de realidade”.

Esse choque ocorreu durante a experiência proporcionada pelo terceiro Estágio Supervisionado em Filosofia (que ocorre no 7º período), em que o contato com a sala de aula em uma escola de periferia, marginalizada, sem acesso ao livro didático, com um grande número de alunos e muitos deles fora da faixa etária, tencionam o próprio exercício da atividade docente.

Esse primeiro contato com a sala de aula, nos proporcionou a seguinte observação: no primeiro dia de observação, a situação da sala de aula mostrou o professor em um estado alterado, sem conseguir lidar com as turmas, sem conseguir desempenhar sua função. Utilizamos do termo “choque”, porque foi o que sentimos em sala de aula, a partir de um determinado fato ocorrido, o professor demonstrou falta de equilíbrio e paciência, gerando um mal estar geral entre alunos, bolsistas e o próprio professor.

Inevitavelmente, refletimos e fizemos algumas indagações sobre qual o papel do professor em sala de aula: Será que lidar com essas desilusões fazem parte de nossa profissão? Estamos preparados para essa realidade? Até que ponto se desiludir com a futura profissão é normal?

Obviamente, presenciamos um processo de alienação profunda das profissões, na qual cada vez mais o trabalho se torna mecânico, engessado e sem possibilidades para o livre pensar de professores e alunos.

Através do relatório do trabalho de campo, apresentado a disciplina de Estágio Supervisionado em Filosofia, é possível perceber tais problemas e dificuldades para a realização de um trabalho docente digno (OLIVEIRA, 2014). Na escola, não existe o incentivo a leitura, até porque não há livro didático; não há aprofundamento do conteúdo filosófico e, majoritariamente, as aulas mantem seu caráter conservador da pedagogia tradicional. Os assuntos têm que ser resumidos e adaptados para serem expostos através da lousa e da explicação de forma oral.

É essa a formação/educação que nos é oferecida desde o nível básico até o superior. De uma forma ou de outra, é esse o comportamento que acabaremos repetindo, provavelmente, quando formos professores diante dessas condições de trabalho.

Mas, levando em consideração a obrigatoriedade do ensino de Filosofia no ensino médio, tais questões precisam de solução. A cada ano, pessoas se formam e novas pessoas se propõem a estudar Filosofia na forma de licenciatura, de uma maneira ou de outra, depositando sua esperança na educação.

Nesse contexto, precisamos agir de forma a aproximar a escola da universidade, os acadêmicos e os professores de ensino médio e vice-versa; é necessário também produzir sobre os relatos e experiências desses contatos, além de repensar o modo como a educação se dá dentro de uma sociedade pautada pela exploração de uma classe sobre a outra.

O Curso de Filosofia, desde o momento inicial de chegada do graduando no curso até a formação dos professores para a atuação no ensino médio, precisa se revestir de um caráter crítico, que se posicione de forma contrária a prática educativa proposta pelo sistema capitalista. Queremos pessoas que pensem, argumentem e se posicionem contrariamente aos mais diversos tipos de exploração em que a classe trabalhadora está sujeita. A realidade do ensino na periferia nos mostra de forma latente a ausência de criticidade e, na maioria das vezes, a própria ausência da capacidade de ler e interpretar textos.

Como afirma Ivo Tonet:

Em uma sociedade de classes, o interesse das classes dominantes será sempre o pólo determinante da estruturação da educação. O que significa que ela será configurada de modo a impedir qualquer ruptura com aquela ordem social. Em consequência, a educação, quer formal, quer informal, sempre terá um caráter predominantemente conservador (TONET, 2012, p. 70).

Observando a realidade posta ao indivíduo, as escolas e à sociedade, percebemos que a problemática é para além da falta de um livro didático, da dificuldade de se ler e entender o que se lê. Em outros termos, a educação, do modo como está configurada em nossa sociedade capitalista, atende a demanda de interesses das classes dominantes, afinal, não é interessante que se tenham sujeitos críticos, afinal, “O sucateamento da escola pública faz parte da gênese do capitalismo industrial.” (SANTOS NETO, 2014, p.31).

#### 4 – Efeitos colaterais da práxis

De acordo com Selma Pimenta e Maria Socorro Lima (2004), educador é uma prática social. Complementando com o pressuposto de que o trabalho é a categoria fundante do ser social e o modelo de trabalho na sociedade burguesa é o assalariado, que mantém a reprodutibilidade do capital, a educação não poderia ser diferente, pois, ela é um grande instrumento que atende e reproduz os interesses do capital. Como afirma Tonet acerca da educação:

É, especialmente, através dela que se prepara, por um lado, a força de trabalho que servirá de insumo para o processo de produção e, por outro, o indivíduo, através da assimilação de ideias, valores e comportamentos, para integrar à sociedade burguesa. Este instrumento, sem dúvida, não é o único, mas é um dos mais importantes. Por isso, a organização e o controle da educação escolar são tarefas das quais o Estado não pode se desfazer. É uma ilusão pretender organizar um processo educativo que não atenda, mesmo que em formas diversas, os interesses do capital (TONET, s/d., p. 8).

Entretanto, intervir na realidade do estudante ainda é uma alternativa para o ensino qualitativo e crítico, como nos alerta Pimenta e Lima: “intervir na realidade social, no caso por meio da educação ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação” (2004, p. 41).

A Filosofia para ser frutífera precisa se inserir na educação dessa maneira, se esforçar para refletir a educação. A Filosofia precisa filosofar a própria educação para, assim, executá-la da melhor forma possível, utilizando-se de recursos como o cunhado por Tonet: atividades educativas emancipadoras (s.d., p. 12).

As dificuldades sempre existiram, principalmente, nessa sociedade em que a educação é desvalorizada e claramente precarizada, não à toa, do ensino básico ao superior.

O profissional da educação precisa ser motivador de uma educação qualitativa, mas, para isso, precisar ser formado dessa maneira. Em relação ao professor de Filosofia, além de ser capaz de tratar da História da Filosofia e de seus conteúdos, deve poder problematizar a educação e sua estruturação atual, problematizando a Filosofia em relação a realidade dos estudantes.

Nesse sentido, a melhor forma de se trabalhar a filosofia e a educação é trazendo a Filosofia para a atividade de pensar a si mesma e a educação.

Não deve existir dois mundos – o filosófico e o educacional –, ou seja, essas duas atividades devem estar intrinsecamente relacionadas num curso de licenciatura em Filosofia. Assim, os futuros profissionais da área não devem se relacionar com os problemas educacionais e de seu ofício apenas no fim da graduação de seu curso, pelo contrário, sua formação deve ser capaz de problematizar acerca da realidade social, teórica e prática. Isso não irá melhorar os problemas alheios ao professor de Filosofia, mas irá melhorar a postura dele enquanto profissional competente e comprometido socialmente (SAVIANI & DUARTE, 2012; SAVIANI, 1993).

Percebemos, de forma clara, a dicotomia entre a teoria e a prática na experiência de Estágio Supervisionado em Filosofia e, com isso, percebemos o quanto é prejudicial dividir a formação em dois momentos, o filosófico (teórico) e o estágio (prático) – até porque não é essa a concepção de estágio que temos nas disciplinas de Estágio Supervisionado em Filosofia na UFAL (MELO, 2014b).

A construção de uma identidade para o Curso de Licenciatura em Filosofia se torna latente e necessária. Nossa formação precisa nos preparar para lidar com as contradições encontradas na sociedade, nas escolas e, principalmente, na educação. Assim, essa é uma responsabilidade do Curso e não só das disciplinas de Estágio Supervisionado em Filosofia.

Profissionais frustrados existem em todo e qualquer âmbito, mas, ao se tratar da educação, percebemos isso, na prática, com mais profundidade e isso precisa ser discutido. É na prática docente do dia-a-dia que o reconhecimento ao trabalho não se dá; é nela que as contradições se inflamam e isso está na pauta do dia como questões a serem tratadas dentro de nossa formação como futuros docentes.

Não é interessante investir em educação, formar pessoas conscientes e críticas (SANTOS NETO, 2014). Isso nunca será favorável à educação e principalmente a matéria de Filosofia, que como vimos, é recente no currículo escolar.

O que faz o professor se desestimular com a profissão a ponto de entrar em depressão?

No trabalho de campo das disciplinas de estágio constatamos inúmeros casos de pessoas remanejadas para outras funções, dentro da escola, por não conseguirem mais está na sala de aula.

Trabalhar com educação não tem que ser algo por amor ou uma abdicação de um bem estar trabalhista que vem sendo escanteado. Temos problemas latentes, desde a nossa



formação acadêmica até o modo como estamos formando alunos no ensino fundamental e médio. Se não nos posicionarmos e debatermos essas questões, o *loop* (movimento sem fim) continuará a se reproduzir e, cada vez menos, conseguiremos relacionar nossa teoria à prática, criando um distanciamento no modo de intervir na educação. Como ressalta Melo, é preciso contar com “o trabalho competente e comprometido dos sujeitos (professores e alunos) envolvidos nesse processo” (2014a, p. 1159).

Ao passar a introduzir a prática educativa das escolas ao meio de estudo filosófico, durante a graduação, teremos uma melhor formação específica, metodológica e que se adequem ao ensino e ao proposto pela matéria de filosofia.

Assim, este processo de formação deve começar na universidade até a escola, a partir de debates e estudos coletivos, não de decisões de cima para baixo que não levam em consideração a opinião dos sujeitos envolvidos, ou seja, as políticas governamentais voltadas para a educação, de uma forma geral, devem ser constituídas a partir do debate coletivo de todos os profissionais envolvidos (LIMA, *et al*, 2013, p. 11).

Deste modo, buscamos incentivar tais atitudes com o intuito de melhorar a relação professor-aluno, além do modo como o conhecimento filosófico é colocado da academia à prática em sala de aula. Percebemos nesse meio um abismo que precisa acabar. Devemos nos importar sobre como a Filosofia é apresentada aos alunos, pensar em como suprir a carência de profissionais nessa área, buscando identificar o motivo de tanto abandono durante a graduação em Filosofia, a escassez na formação de profissionais da área e, além de tudo, a falta de reconhecimento no exercício da docência.

## **5 – Considerações finais**

O trabalho desenvolvido foi fruto de uma análise teórica e prática acumulada durante os anos que cursamos as disciplinas de Estágio Supervisionado em Filosofia 1, 2 e 3, principalmente, com a observação e a análise de dez (10) aulas proposta pelo Estágio 3 (no ano de 2014), no qual se efetivou nosso contato com a sala de aula na disciplina de Filosofia, o dia a dia do professor, seus dilemas e dificuldade de forma mais íntima; notar contradições no exercício de uma futura profissão que não é fácil.

Mas, sabemos que toda a sociedade é pautada por contradições e isso não tem a ver apenas com a Filosofia ou com a educação, pois esses âmbitos e campos de estudos estão

inseridos dentro de algo muito maior e problemático, que é a forma como a sociedade está pautada, o modelo capitalista.

Percebemos que no contexto das escolas públicas em Alagoas, no tocante a disciplina de Filosofia, a situação é caótica e necessita, urgentemente, de profissionais (não apenas na disciplina de Filosofia) que intervenham de forma crítica e qualitativa na educação; mas que também tenham suas necessidades atendidas, enquanto profissionais, no quesito condições estruturais e financeiras.

Quem mais pode pensá-la (educação escolar) se não quem nela está inserido no dia a dia? Quem, se não um professor com formação específica para proporcionar uma experiência filosófica, com respaldo teórico?

Mas, não apenas com formação específica e sim aquele profissional que, para além dela, se propõe a pensar a educação como área filosófica e se propõe a intervir nela nessa perspectiva, que acredita em outra forma de educação, outra forma de sociedade.

## REFERÊNCIAS

CARMINATI, Celso João. Formação e ensino de filosofia. *In*: MATOS, Junot Cornélio. **Revista Perspectiva Filosófica**: Revista dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia da UFPE e UFPB. Volume II, Nº 38. Recife/PE: Universidade Federal de Pernambuco, 2012. p. 29-44.

LIMA, Walter Matias; MELO, Elizabete Amorim de Almeida; SILVA, Andréa Giordanna Araújo. **Formação e Prática Docente: considerações sobre o ensino de filosofia em Alagoas**. *In*: Anais do VII Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade” – EDUCON. São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe, 2013. ISSN: 1982-3657. Disponível em: < <http://educonse.com.br/viicolquio>>.

MELO, Elizabete Amorim de Almeida. Estágio Supervisionado em Filosofia na UFAL: Aprendendo e ensinando sobre os caminhos da docência. *In*: **Anais da 3ª Semana Internacional de Pedagogia da UFAL e VII Encontro de Pesquisa em Educação em Alagoas – EPEAL**, 2014. Disponível em: <<http://epeal2014.dmd2.webfactional.com/trabalhos-identificado/892-artigo-com-identifica%C3%A7%C3%A3o-SEM-DE-PED-2014.pdf>>. Acesso em 10 de abril de 2015.

MELO, Elizabete Amorim de Almeida. **Plano de Estágio 3**: Observação de aulas de Filosofia em turmas do ensino médio. Maceió: UFAL, 2014a. Mimeo.

\_\_\_\_\_. **Roteiro de Observação de Aulas de Filosofia no Ensino Médio**. Maceió: UFAL, 2014b. Mimeo.

\_\_\_\_\_. A Filosofia no Ensino Médio e a Importância da Leitura do Texto filosófico. *In: Revista Linha Mestra*. Ano III. Nº 24, Jan-Jul, 2014. p. 1157-1160. ISSN: 1980-9026. Disponível em: <<<http://linhamestra24.wordpress.com/artigos/>>>.

OLIVEIRA, Natália Domingos de. **Relatório de Estágio Supervisionado em Filosofia III –** Observação de aulas de filosofia no ensino médio. Maceió/AL: Curso de Filosofia/UFAL, 2014. Mimeo.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

TONET, Ivo. **Educar para a cidadania ou para a liberdade?** *In: Educação contra o capital*. São Paulo: Instituto Lukács, 2013. p. 61-74.

\_\_\_\_\_. **O grande ausente e os problemas da educação**. Disponível em: <[http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/O\\_GRANDE\\_AUSENTE\\_E\\_OS\\_PROBLEMAS\\_DA\\_EDUCACAO.pdf](http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/O_GRANDE_AUSENTE_E_OS_PROBLEMAS_DA_EDUCACAO.pdf)> Acesso em: 19 de abril de 2015.

SANTOS NETO, Artur Bispo dos. **Educação e Trabalho**. *In: Universidade, Ciência e Violência de Classe*. São Paulo: Instituto Lukács, 2014. p. 25-40.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, N. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.